

Arquitetura para o lazer: cinemas e clubes na Serra Gaúcha, de 1930 a 1970.

Ana Elisia da COSTA^{*}, Monika STUMPP^a, Roberta SARTORI^b

^{*} Mestre (UFRGS, 2002) Universidade de Caxias do Sul e Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Rua Veador Porto, 582/802, Porto Alegre, RS

ana_elisia_costa@hotmail.com

^a Mestre (UFRGS, 2004), Universidade de Caxias do Sul

^b Acadêmica (UCS) Universidade de Caxias do Sul

Resumo

O artigo objetiva analisar as transformações tipológicas nos edifícios voltados ao lazer construídos entre 1930 e 1970 em oito cidades da Serra Gaúcha, mais especificamente, nos edifícios de cinemas e clubes, presentes no acervo da pesquisa “Arquitetura Moderna na Serra Gaúcha: Acervo e Novas Tecnologias na Educação Patrimonial”. Inicialmente, é feita uma breve contextualização da temática no Brasil e na Região. A análise tipológica sintética dos edifícios se baseia na identificação de seus aspectos organizativos, ordenativos e tecnológicos. Os resultados obtidos apontam que as transformações tipológicas não ocorreram de modo cronológico, ainda que, pouco a pouco, ocorresse a disseminação da linguagem moderna nas cidades da região da Serra Gaúcha.

Palavras-Chave: Arquitetura Moderna, Edifícios de Lazer, Clubes, Cinemas, Serra Gaúcha.

Abstract

This paper analyzes the typological transformations related to leisure buildings constructed between 1930 and 1970 in eight cities in southern Brazil, more specifically, in buildings of cinemas and clubhouses present in the collection of the research "Modern Architecture in southern Brazil: collection and New Technologies in Heritage Education. Initially, there is a brief background of the theme in region and Brazil. The typological analysis of buildings is based on identifying their organizative, ordenative and technological aspects. The results show that the typological transformations didn't occur in chronological order, yet, little by little, occurred the spread of modern language in the cities of southern Brazil.

Keywords: Modern Architecture, Leisure Buildings, Cinemas, Clubhouses, Southern Brazil

1. Introdução

A concepção de “tempo livre” e “tempo de trabalho” que se tem hoje é uma conquista dos movimentos sindicais do final do século XIX. Até então, o modelo de produção industrial impunha jornadas de trabalho de doze a quatorze horas diárias e não previa qualquer tempo dedicado ao contato social, ao lazer ou aos prazeres da preguiça. No início do século XX, as conquistas com a redução da jornada de trabalho passaram a preocupar governantes e industriais, já que o tempo livre permitia o ócio, entendido como uma prática subversiva para os padrões de produção vigentes. Diante disso, o divertimento passou a ser disciplinado, substituindo o ócio por outra atividade “mais sadia”, mais “organizada”, mais “educativa”: o lazer”. (MARCASSA, 2008)

Neste contexto, surgiram os clubes de recreio, sejam eles sociais, esportivos ou operários, e os programas ligados à indústria do entretenimento, como cinemas e teatros. Essa preocupação também assumiu uma escala urbana, levando Le Corbusier (1976) a propor que a cidade moderna deveria não só prever lugares para os homens morarem e trabalharem, mas também para “cultivarem o corpo e o espírito”, o que condicionou o surgimento de diversos parques e praças urbanas.

Este artigo disserta acerca dos programas arquitetônicos vinculados ao lazer, mais especificamente, sobre os edifícios de clubes e cinemas construídos na Serra Gaúcha, entre 1930 e 1970 e se baseia em grande parte no trabalho de iniciação científica de Roberta Sartori (SARTORI, 2010). Seu objetivo é realizar uma análise sintética das tipologias em questão, buscando identificar as transformações ocorridas com o passar do tempo.

A discussão é um subproduto da pesquisa “Arquitetura Moderna na Serra Gaúcha: acervo e novas tecnologias na educação patrimonial” (AMSG), desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul desde 2008. Entre seus objetivos, a pesquisa pretende apresentar, através da publicação de uma multimídia interativa e em uma página na internet, dados sobre a arquitetura moderna na Serra Gaúcha, que vem sendo levantados e sistematizados desde 2004.

O desenvolvimento do estudo sobre os edifícios voltados ao lazer se justifica por subsidiar diretamente o desenvolvimento da pesquisa AMSG e também por tornar público um acervo de obras modernistas pouco conhecidas no Brasil. Embora não sejam obras com valor arquitetônico excepcional, estas configuram um conjunto que demonstra a disseminação do vocabulário moderno no país, com suas limitações e sua riqueza de expressão.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram feitas pesquisas bibliográficas, documentais e de campo. Tais procedimentos determinam a estrutura do artigo, que,

além das considerações finais, está dividido nas duas partes seguintes: Breve Contextualização e Análise.

2. Breve Contextualização

Já no início do século 20, o Brasil assistia à mudança cultural proporcionada pela chegada das exibições cinematográficas. Modificando comportamentos e criando espaços de verdadeira convergência social, os prédios que abrigavam as novas projeções tornaram-se ícones e pontos de referência de algumas cidades, sendo muitas vezes repletos do *glamour* eclético. A partir da década de 30, a arquitetura dos cinemas no Brasil expressava uma intenção vanguardista, utilizando a linguagem moderna com influências classicistas. (BRUGALLI, 2004). Em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, esses edifícios eram *verdadeiros monumentos Déco*. (SEGAWA, 1997) Gradativamente, essa linguagem se popularizou entre os cinemas das demais capitais brasileiras e das cidades interioranas, como as cidades da Serra Gaúcha.

Em Caxias do Sul, no início do século 20, a exibição de filmes era feita em cinemas ambulantes, improvisadamente, com telas estendidas sobre fachadas de prédios. O primeiro cinema da cidade foi o Cinema Juvenil (ADAMI, 1966), que teve duas sedes improvisadas (figuras 1a e 1b). A partir de 1910, com o desenvolvimento propiciado pela chegada do trem na Serra Gaúcha, antigos teatros passaram a exercer também a função de cinema, como o Cine Teatro Central (figura 1c), e o Cine Teatro Ópera (figura 1d). O primeiro apresentava fachada eclética ornamentada, e o segundo, depois da reforma da década de 1950, passou a ostentar uma fachada *art déco*. Já a ocorrência de cinemas com linguagem modernista é mais freqüente a partir da década de 30. Neste contexto, têm destaque três edifícios que serão analisados na sequência deste artigo.

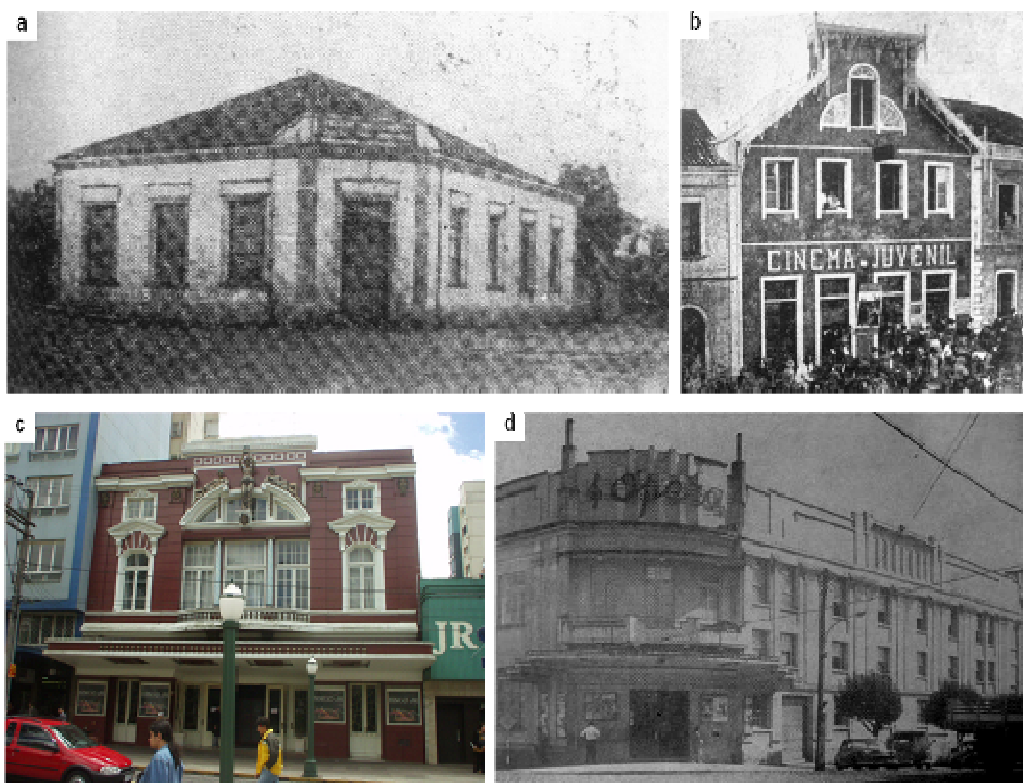


Figura 1: (a) Primeira sede do cinema Juvenil. (b) Segunda sede do cinema Juvenil. (c) Edifício do Cine Teatro Central. (d) Edifício do Cine Teatro Ópera.
(Fonte: (a e b) Adami, 1996. (c) Adib, 2007. (d) Arquivo Histórico Municipal)

Outro fenômeno da sociedade republicana brasileira dos anos 20 é o surgimento dos clubes sociais. Neles, a intensa programação de atividades impunha *além das instalações esportivas, uma sede social condigna, que compreende restaurantes, bares e salões os mais diversos*. (BRUAND, 1981, p.21)

Em Caxias do Sul, no século 19, com uma população formada principalmente por imigrantes italianos vivendo em área rural, a necessidade do encontro social se fazia premente (FILIPPON, 2007). Inicialmente, as pessoas se encontravam nos filós e nas celebrações religiosas e se organizavam em sociedades de caráter devocional, como o Apostolado da Oração e a Juventude Feminina Católica. (BRANDALISE, 1985) Com o passar do tempo e com o crescimento econômico da cidade, surgiram os primeiros clubes recreativos, como a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Príncipe de Nápoles (figuras 2a e 2b) e o Clube Juvenil (figuras 2c e 2d), que contavam com programações culturais e realizavam os primeiros bailes de gala locais. (DACANAL, 2010) Nos dois casos, os clubes tiveram uma primeira sede em estilo eclético, sendo substituídas por sedes de maior porte, de mesma linguagem arquitetônica. Os clubes modernistas surgem

nas cidades da Serra Gaúcha a partir da década de 40. Seis desses clubes são objeto de análise deste artigo.



Figura 2: (a) Primeira Sede do Príncipe di Nápoles. (b) Segunda Sede do Príncipe di Nápoles. (c) Primeira Sede do Clube Juvenil. (d) Clube Juvenil.
(Fonte: (a e b) Cinquantenario, 1925. (c) Machado e Herédia, 2000. (d) Adami, 1996)

3. Análise

A análise dos edifícios foi desenvolvida em grupos tipológicos, que organizaram modelos com recorrências formais. Para a identificação dos modelos, a composição formal dos edifícios foi abstraída, chegando apenas nas relações existentes entre as suas partes. (ARGAN, 1984; ROSSI, 1995; MAHFUZ, 1995) Dentro de cada grupo tipológico, as obras foram analisadas segundo seus aspectos organizativos, ordenativos e tecnológicos (ARGAN, 1984).

A elaboração da análise ocorreu com uma abordagem cronológica, dividida por décadas, visando a identificação das transformações tipológicas ocorridas com o passar do tempo e a influência dos postulados modernos sobre os edifícios estudados.

3.1. Cinemas

Como já observado, a partir da década de 30, é registrada a construção de três cinemas na Serra Gaúcha. Nesse universo, são identificadas duas tipologias (Figura 3) – uma de meio de quadra (T1) e outra de esquina (T2) – que configuram edifícios de partido compacto, prismas de base retangular. Na tipologia de meio de quadra (T1), por sua vez, são identificados dois modelos, um mais verticalizado (Modelo 1) e outro mais horizontalizado (Modelo 2).



Figura 3: (a) Cine Teatro Guarany. (b) Cine Teatro Real. (c) Cine Lux.
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.)

No Cine Teatro Guarany, de Caxias do Sul, se observa a tripartição vertical clássica, tipicamente *art déco*, determinada pela marquise e pela platibanda escalonada. Possui, também, a tripartição horizontal, com falsas colunas organizando as três partes da fachada. O “cheio” ainda predomina na fachada, mas o prédio já ensaia a modernidade com esquadrias verticalizadas que rasgam os pavimentos (SCHUMACHER, COSTA, BARELLA, 2004). Destaca-se ainda os adornos, como frisos geométricos aplicados à fachada, e o letreiro em letras vazadas no topo da platibanda, que já não existe mais.

Internamente, contudo, o espaço apresenta uma excessiva rigidez, configurando-se como um pavilhão primitivo. O *foyer* de dimensões restritas é compartimentado por um porticado de pilares e vigas, que faz a sustentação do mezanino. Na sala de projeções, as dimensões do lote (estrito e cumprido) restringem qualquer desenho atento a um bom desempenho acústico. Destaca-se apenas o desenho do forro, que busca dar uma maior continuidade entre as paredes e a cobertura, sustentada por tesouras de madeira (Figura 4).

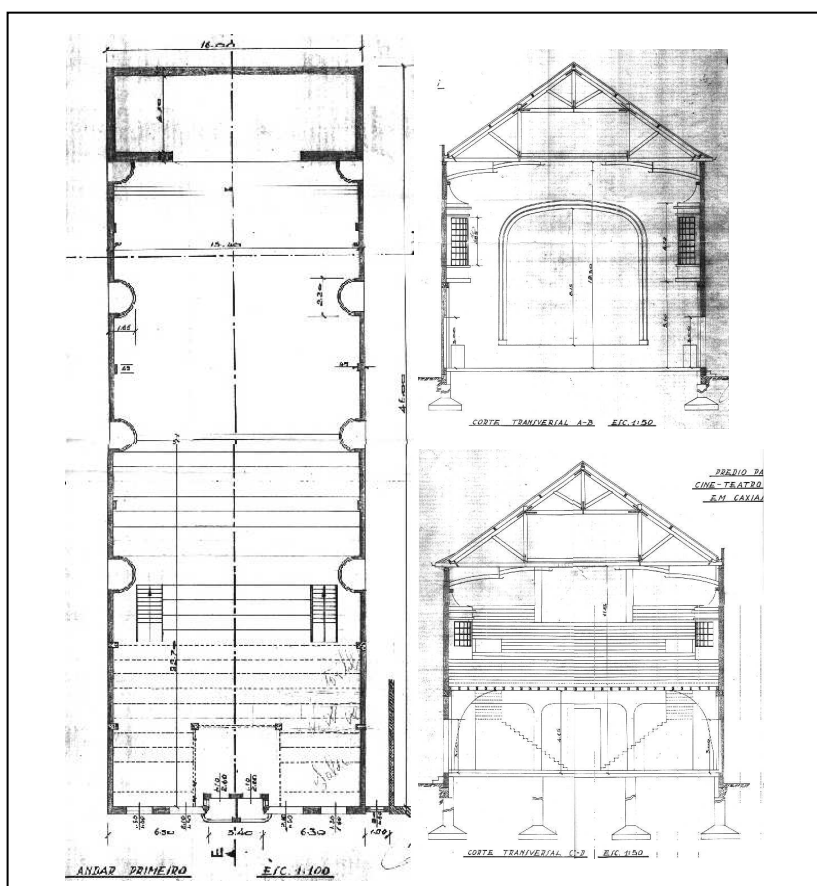


Figura 4: Planta baixa e cortes do Cine Teatro Guarany, Caxias do Sul.
(Fonte: Arquivo Histórico Municipal, 2010.)

O edifício do Cine Teatro Real, da década de 40, parte de um prisma com curvatura de uma das arestas, para demarcar a esquina do terreno onde está inserido. Neste edifício *art déco*, também ocorre a tripartição vertical clássica. O cheio predomina sobre o vazio e a composição das aberturas, com janelas do tipo Copacabana, não ensaia grandes vãos, como ocorre no Cine Teatro Guarany, construído na década anterior.

O Cine Lux, construído em Nova Prata na década de 50, é o exemplar que tem mais destaque entre os edifícios, já que nesta edificação é possível conferir vários elementos do receituário moderno. Sua volumetria é simplificada, cúbica, e sua fachada assimétrica é composta por leves diferenças de planos, com reentrâncias e saliências que criam um jogo de luz e sombra. A unidade é conferida principalmente pelos brises horizontais e verticais, compondo o volume saliente a uma parede côncava (figura 5a). O letreiro aplicado à fachada também cria um jogo de luz e sombra. (figura 5b) (WOLFF E GIRARDI, 2004, n.p.)

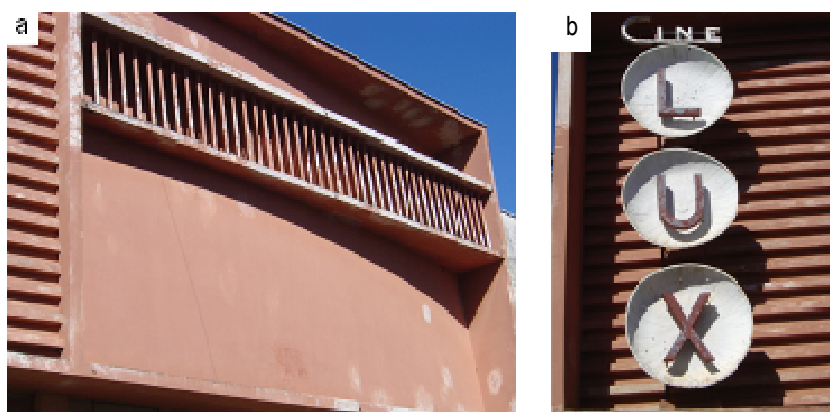


Figura 4: (a) Brises verticais na parede Côncava do Cine Lux, Nova Prata. (b) Letreiro.
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.)

O hall de entrada assume um pé-direito duplo que, com o arqueamento do pórtico pilar-viga, promove uma espacialidade com forte apelo cênico, como era recorrente nos edifícios voltados a exibições cinematográficas (figura 6a). Também é relevante o fato de que o hall preserva grande parte de suas características originais, com seus equipamentos e mobiliários, como é o caso do bebedouro (figura 6b), do balcão de doces (Figura 6c), dos bancos, luminárias e maçanetas. Ali, se configurava um grande estar para o encontro da sociedade novapratense.



Figura 6: (a) Espacialidade do hall de entrada do Cine Lux, Nova Prata. (b) Bebedouro. (c) Balcão de doces.
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.)

Nas plantas baixas do Cine Lux, já se percebe preocupações com o desempenho acústico da sala de projeções. Neste sentido, destaca-se o arqueamento da parede e do anteparo que separam a sala de projeções do *foyer* e ainda, o uso de placas inclinadas nas suas duas paredes laterais. (figura 7)

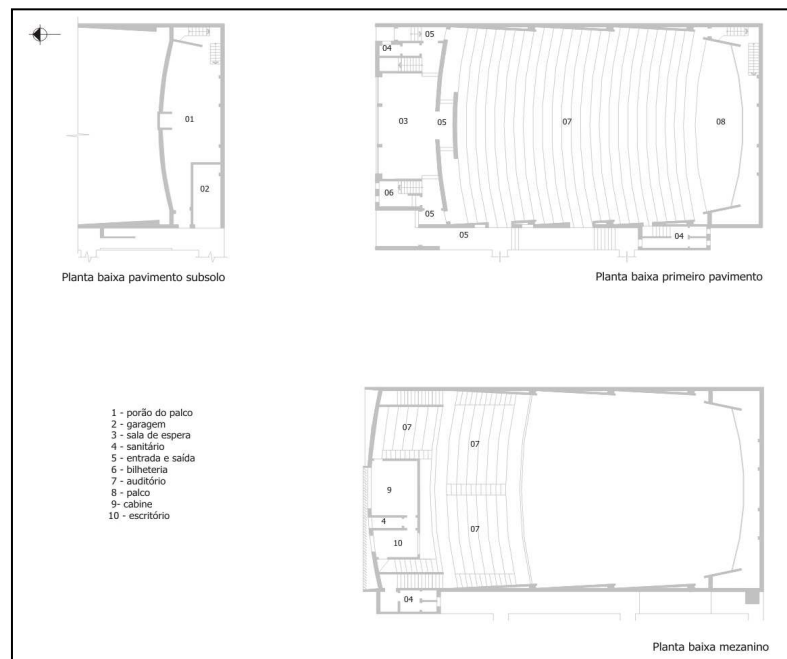


Figura 7: Plantas baixas do Cine Lux, Nova Prata.
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.)

A análise da transformação tipológica dos cinemas na região da Serra Gaúcha permite observar que, em três décadas, o arranjo do edifício em relação ao lote permanece praticamente o mesmo. As transformações ocorrem mais do ponto de vista ordenativo, ou estilístico, sendo o *art déco* das décadas de 30 e 40 substituído pelo repertório moderno, na década de 50. O curioso é que o exemplar moderno surge não na maior entre as cidades da região, mas em Nova Prata.

O fato de que o cinema da década de 30 apresenta aspectos formais mais sofisticados do que o cinema da década de 40 e ainda o fato de que este edifício da década de 30 apresenta uma fachada “moderna” contraposta a um corpo construído com tecnologia quase rudimentar revelam as contradições do período e a não uniformidade na afirmação do modernismo na Serra Gaúcha.

3.2. Clubes

Assim como nos cinemas, entre os clubes construídos na Serra Gaúcha foram identificadas duas tipologias, envolvendo modelos de esquina e de meio de quadra. Ambas as tipologias configuram edifícios de partido compacto, prismas de base retangular. Novamente, os modelos de meio de quadra variam entre os arranjos horizontalizados e verticalizados, estando condicionados pelas dimensões dos lotes e pela legislação vigente. (Figura 8)

Na década de 40, em Veranópolis, tem destaque a sede da Sociedade Alfredo Chavense. Trata-se de um exemplar singular, com características estilísticas híbridas e adornos em relevo. Deste exemplar do *art déco* cita-se algumas particularidades: o desenho da platibanda escalonada, a utilização das cores navais e a forma curva que conecta os pavimentos superiores ao pavimento térreo, onde ocorre um alargamento do plano da fachada.

No Recreio Guarani, de Caxias do Sul, construído na mesma década, a leitura da volumetria pura é evidenciada, visto que da fachada, destaca-se apenas uma leve saliência do plano de enquadramento das esquadrias. A simplificação formal é de grande relevância, e, em conjunto com a assimetria, o equilíbrio entre cheios e vazios e o desenho de grandes esquadrias demonstram que a linguagem moderna começa a ser disseminada também nos edifícios de clubes. Este edifício é o exemplar de clube na Serra Gaúcha que mais obedece aos preceitos do modernismo.

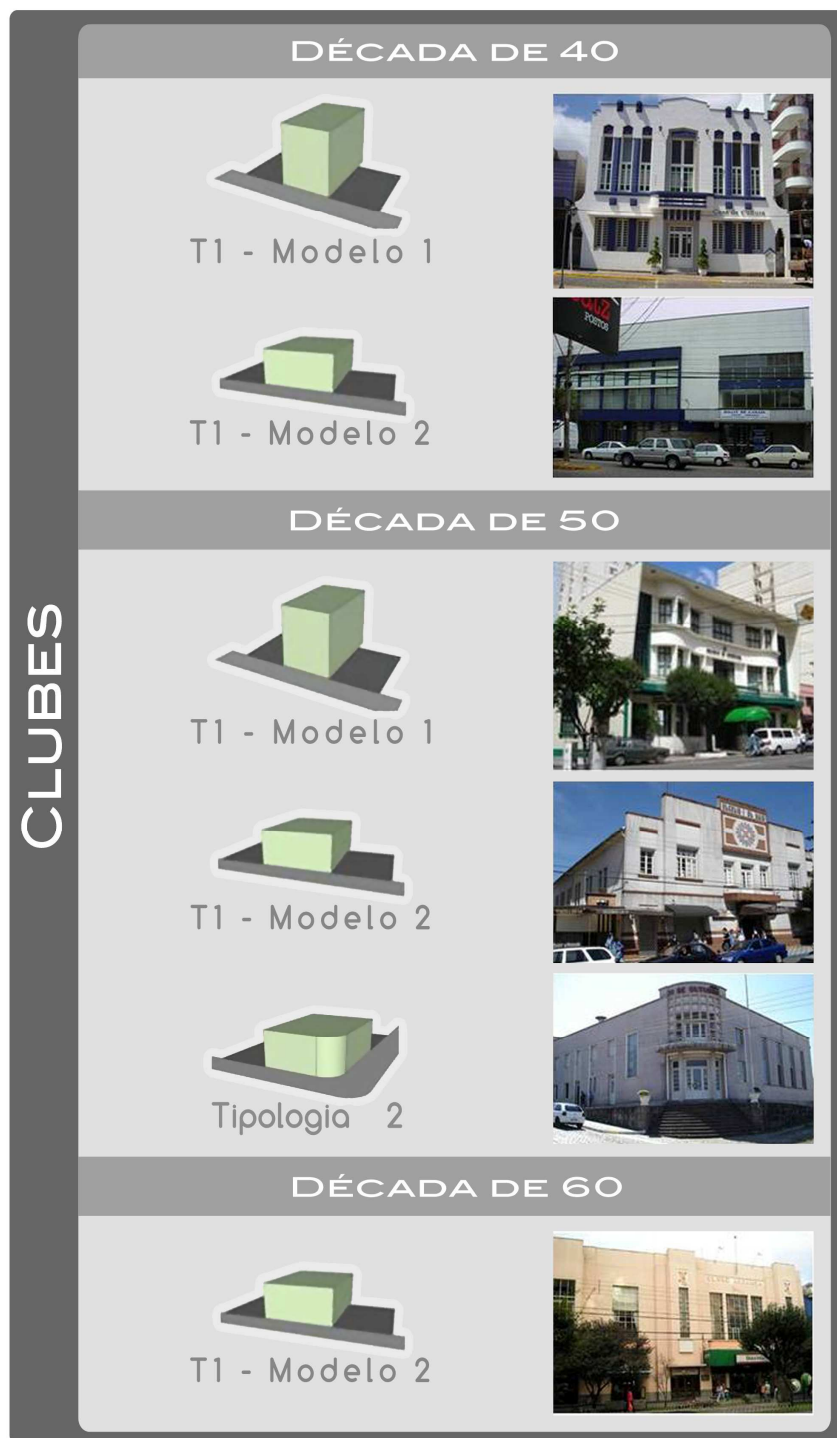


Figura 8: (a) Sociedade Alfredo Chavense. (b) Recreio Guarani. (c) Recreio da Juventude. (d) Clube 1º de Maio. (e) Clube 31 de Outubro. (f) Clube Aliança.
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.).

Na década de 50, dois clubes são construídos em Garibaldi. O Clube 1º de Maio expressa um “déco de fachada” e, no Clube 31 de Outubro, o volume puro é arredondo na esquina, como recorrente no vocabulário *art déco* (figura 9). Em ambos os casos, no arranjo de cheios e vazios, ocorre uma tentativa de diminuir o peso compositivo das paredes, ampliando a leitura dos vãos com a utilização de frisos em alto relevo.

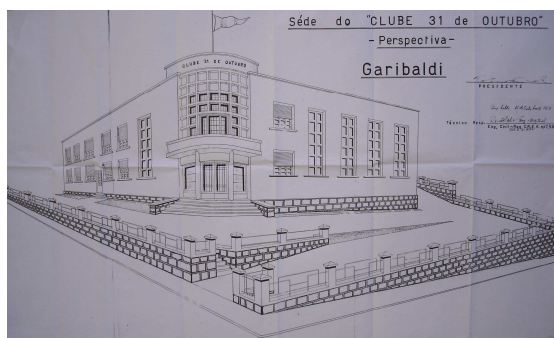


Figura 9: Plantas do Clube 31 de Outubro, Garibaldi
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.).

As plantas-baixas do Clube 1º de Maio revelam um singelo arranjo, que envolve espaços para refeições e bebidas (primeiro pavimento) e para bailes (segundo pavimento), todos acessados por um tímido hall. A simetria insinuada na fachada não é explorada neste arranjo interno e apenas a distribuição modular dos pilares que sustentam a laje do segundo piso, articulada com a disposição rítmica das aberturas, sugere alguma ordem compositiva (figura 10).

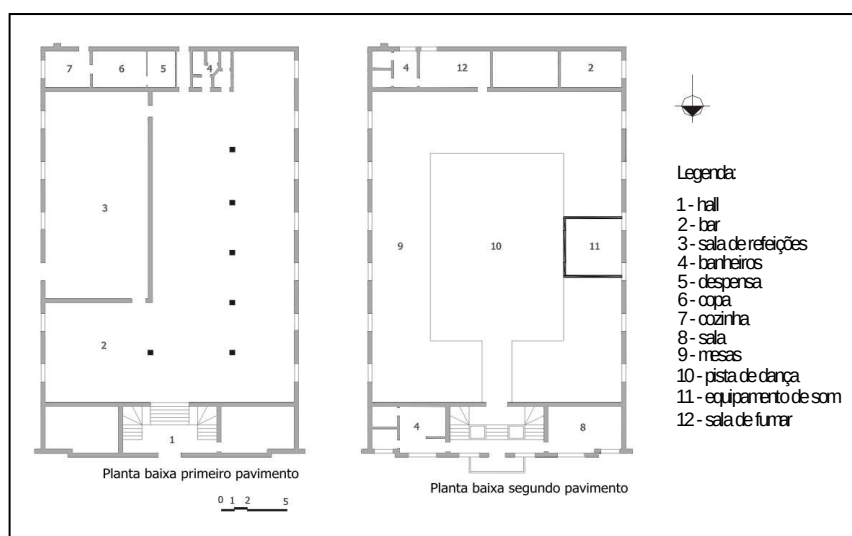


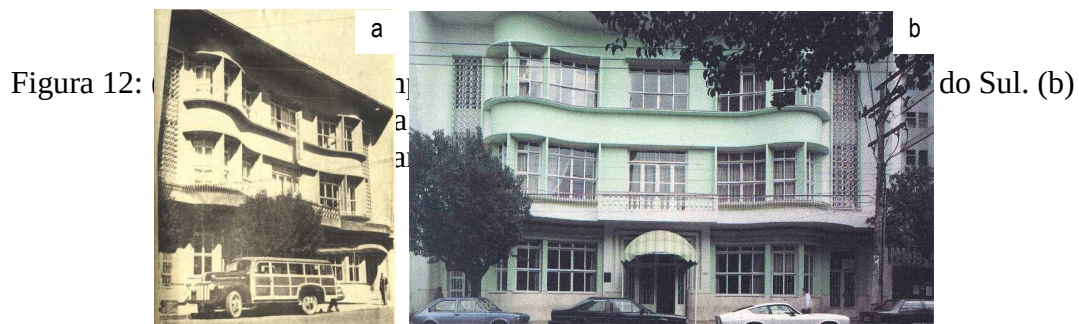
Figura 10: Plantas do Clube 1º de Maio, Garibaldi
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.).

No Clube 31 de Outubro, o pavimento térreo recebe o salão de bailes e a área de refeições e bebidas e o segundo pavimento, uma ampla área para jogos e uma sala de honra. Os dois pavimentos são acessados pelo hall, que ocupa a esquina e não explora cenicamente o arranjo da escada. (Figura 11).



Figura 11: Plantas do Clube 31 de Outubro, Garibaldi.
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.).

O Recreio da Juventude, de Caxias do Sul, construído na mesma década, apresenta uma linguagem moderna mais apurada. Ainda que predomine o cheio sobre o vazio e que se trate de uma composição simétrica, evidenciada pelo acesso e por um balcão centralizado, este edifício recorre ao emprego de elementos de arquitetura comuns ao do vocabulário moderno. As empenas laterais inclinadas configuram uma “moldura” para um corpo central levemente sinuoso. Demarcando os acessos secundários, nas laterais da fachada, são criados rasgos verticais com fechamento de cogobós (figura 12).



A sinuosidade da fachada do Recreio da Juventude se faz presente também na espacialidade do hall, que acolhe uma elegante escada escultórica. Esse hall conduz ao salão de baile, que está no segundo pavimento; ou, no pavimento térreo, a uma câmara que antecede o salão de refeições e um salão de bailes secundário. Estruturalmente, as paredes e pilares do pavimento térreo sustentam a laje do segundo pavimento, o que compromete a configuração de uma planta livre e de uma espacialmente ordenada (figura 13).

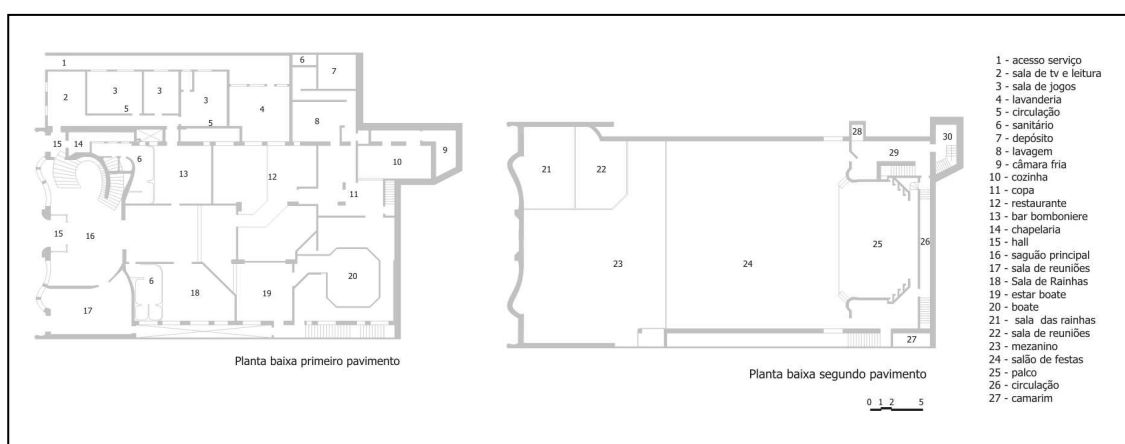


Figura 13: Plantas do Recreio da Juventude, Caxias do Sul.
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.).

Na década de 60 é construída em Bento Gonçalves a sede do Clube Aliança. Um pequeno escalonamento de volumes com aplicação de falsas pilastras compõe a fachada. Sobre o plano de fachada são utilizadas aplicações de adornos florais e de um letreiro, elementos que, assim como a antena, são ícones do *art déco* (figura 14).



Figura 14: Adornos florais, letreiro e antena *déco* do Clube Aliança, Bento Gonçalves.
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.).

No programa deste clube, diferente dos demais, a sede social e a sede esportiva ocupam um mesmo terreno. No corpo edificado, o acesso principal ocorre num dos extremos, através de um hall, cuja escada escultórica conduz ao salão nobre do segundo pavimento e ao mezanino deste salão, que ocupa o terceiro pavimento. Além do hall, o pavimento térreo inclui espaços para refeições e bebidas e para “lojas”, todos com acessos independentes. No subsolo, se destaca espaços para jogos e boate, cujos pilares e paredes apóiam os pavimentos superiores. Uma análise atenta do conjunto permite perceber que o espaço não possui uma clara ordenação e os percursos internos não são otimizados (figura 15).



Figura 15: Plantas do Clube Aliança, Bento Gonçalves.
(Fonte: Acervo da Pesquisa, 2004.).

Assim como ocorre com os cinemas da região, o arranjo volumétrico dos clubes e as suas relações com os lotes permanecem intocadas durante três décadas. Por outro lado, o tratamento da volumetria não obedece a uma transformação cronológica, sendo simultânea a ocorrência de elementos do repertório *art déco* e do moderno. Internamente, o arranjo espacial demonstra a falta de consistência dos projetos em

relação aos postulados modernos: os eixos de circulação são pouco claros e compactos; e, por limitações tecnológicas, as plantas livres não se consolidam.

4. Considerações finais

Em seu conjunto, os clubes e cinemas analisados, ao incorporarem programas arquitetônicos relativamente novos na cultura local, podem revelar uma tentativa de “modernizar” a região da Serra Gaúcha. Socialmente, era “moderno” ir aos bailes do Clube Juvenil ou às matines do Cine Ópera, em Caxias do Sul, ou do Cine Lux, em Nova Prata. É essa dimensão sócio-cultural desempenhada pelos clubes e cinemas que provavelmente mais lhes atribui valor patrimonial.

Do ponto de vista arquitetônico, tais edifícios podem revelar os “modismos” de uma época, não implicando necessariamente numa reflexão sobre a própria modernidade (NETTO, 1986). A falta de rigor no arranjo espacial, a simultaneidade e/ou a falta de coerência no uso dos elementos estilísticos revelam edifícios que, tipologicamente, pouco inovam no contexto regional. Estes configuram o que Segawa (1999) chama de “modernidade pragmática”, obras que expressavam uma vontade de ser “moderno”, sem ter consciência da modernidade que estavam representando.

Contudo, esses edifícios, pelo caráter público que possuem, devem se enaltecidos como marcos históricos regionais que introduzem a linguagem modernista, tornando-a “palatável” ao gosto popular. Destaca-se que, na disseminação dessa linguagem, não houve um encaminhamento cronológico, como ocorreu em diversos cenários brasileiros, passando da adoção do *art déco* ao modernismo. Também é possível observar que a adoção do novo repertório ocorreu de modo lento ao longo das décadas estudadas, chegando tardiamente em relação à produção nacional.

5. Referências

- ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Editora São Paulo, 1966. IV Tomo.
- ADIB, Carlos Arlindo. 2007. **Imagens Cine Theatro Central, de Caxias do Sul**. Disponível em: <http://www.carlosadib.com.br/ciners_fatos.html>. Acesso em: 18 de outubro de 2010.
- ARGAN, Giulio Carlo. “Tipología” In: **Summario**, Nº 79. Buenos Aires: Ed. Summa, 1984.
- ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI. **Imagens Cine Teatro Ópera e Cine Guarany**. Caxias do Sul, 2010.
- BRANDALISE, Ernesto A. **Paróquia Santa Teresa - Cem Anos de Fé e História (1884 - 1984)**. Caxias do Sul: Editora da UCS (EDUCS), 1985.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BRUGALLI, Ana Paola. **Art Déco e as manifestações na arquitetura de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS – PROPAR, 2004. (Dissertação de Mestrado)

CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande Del Sud. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925.

DACANAL, José Hildebrando. **A Imigração e a História do Rio Grande do Sul**. EST Publicações Online. Disponível em: <<http://www.esteditora.com.br/textos/imigracao.htm>>. Acesso em: 25 de setembro de 2010.

FILIPPON, Maria Isabel. **A Casa do Imigrante Italiano: A Linguagem do Espaço de Habitar**. Caxias do Sul: UCS, 2007.

LE CORBUSIER. **Os três estabelecimentos humanos**. São Paulo : Editora Perspectiva, 1976

MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a Razão Compositiva**; uma investigação sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica / Edson da Cunha Mahfuz. Viçosa: UFV, Impr. Univ.; Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.

MACHADO, Maria Abel; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: Cem Anos de História**. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

MARCASSA, Luciana. **Do ócio ao lazer**: uma (re) significação dos usos do tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935). Disponível em: <<http://www.professores.unirg.edu.br/rlira/artigos/pdf/lazer%20e%20F3cio.pdf>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2010.

NETTO, José Teixeira C. **Moderno pós-moderno**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PESQUISA ARQUITETURA MODERNA NA SERRA GAÚCHA. **Acervo e Tratamento dos Dados**. Caxias do Sul: UCS, 2008 (Material instrucional do grupo de pesquisa)

SARTORI, Roberta. **Edifícios Institucionais modernos na Serra Gaúcha**: bancos, clubes, cinemas, correios e escolas. Caxias do Sul: UCS, 2010.

REVISTA PROJETO, n.135. São Paulo, Editora Projeto Design.

ROMANO, Giovanni. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). **História dos jovens 2**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

9º seminário docomomo brasil
interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente
brasil . junho de 2011 . www.docomomobsb.org

SUCHUMACHER, Evaldo L; COSTA, Ana E.; BARELLA, Sandra M. F. **Guia Didático da Arquitetura de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

WOLFF, Carolina; GIRARDI, Camila. **Cine Lux**. Caxias do Sul: UCS, 2004.
(Relatório parcial de pesquisa)